

Craft já iniciou trabalhos no terreno da siderúrgica



Implantação da correia transportadora de carvão movimenta trabalhadores e integra a infraestrutura destinada a atender à CSP e à térmica I

Foto: Kid Júnior

Obras devem começar após assinatura da ordem de serviço amanhã. Hoje, Cid entrega documentos

DIÁRIO DO NORDESTE - A movimentação inicial no futuro canteiro não deixa dúvidas: as obras da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) iniciam amanhã, logo após a assinatura formal da ordem de serviço, segundo as assessorias de imprensa do Governo do Estado e da CSP. Por enquanto, a carioca Craft Engenharia faz a preparação do terreno para a terraplanagem. Este é o pontapé do projeto siderúrgico, que deve gerar 15 mil empregos diretos no pico de construção, além de oito mil vagas indiretas, com impacto de aproximadamente R\$ 74 milhões na primeira etapa, cuja duração é de quatro anos. A obra de terraplanagem requer investimento de R\$ 80 milhões, conforme antecipou com exclusividade o Diário do Nordeste. A empresa que irá proceder esta etapa ainda não foi anunciada. Já a preparação da área levará de nove meses a um ano e, no pico

dos serviços, poderão ser gerados cerca de 2.500 empregos diretos e indiretos. A solenidade de assinatura da ordem de serviço, marcada para as 10 horas desta quarta-feira, no terreno que abrigará o empreendimento, contará com a presença do presidente da DongKuk Steel, Saejoo Chang; do presidente da Vale, Roger Agnelli; do diretor de Siderurgia da Vale, Aristides Corbellini; do diretor-presidente da CSP, Maurício Chu, do vice presidente da CSP, Luciano Ferreira, além do governador Cid Gomes e autoridades estaduais. Ontem, era também cogitada a presença do presidente da República em exercício, José Alencar.

Conforme o Relatório de Impacto Ambiental (Rima) da CSP, o empreendimento será instalado a leste da sede do município de São Gonçalo do Amarante. Mais precisamente, no setor 1 da futura Zona de Processamento de Exportação (ZPE) cearense, na parte noroeste do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), a 65 Km de Fortaleza. São 961 hectares já desapropriados pelo governo cearense. Assim, a terraplanagem marca não só o início da construção da planta siderúrgica como a própria concretização da ZPE.

ORÇAMENTO: A siderúrgica está orçada em R\$ 7,6 bilhões em sua primeira etapa, em que terá capacidade de produzir três milhões de toneladas de placas de aço por ano. Esta etapa inicial está prevista para entrar em operação em 2013. Em 2015, está programada a operação da usina com sua capacidade duplicada.

TÍTULOS DE POSSE: Hoje, às 14h, o governo do Estado vai entregar os primeiros 123 títulos de terra do processo de desapropriação do terreno onde será instalada a CSP. A solenidade acontecerá no Pecém. A entrega será feita por Lúcia Teixeira, titular da Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará (Semace), pelo procurador geral do Estado, Fernando Oliveira, e pelo chefe de gabinete do governo, Ivo Gomes. A área desapropriada no ato de hoje é compreendida por três localidades do Município de São Gonçalo do Amarante: Bolso, com 57 propriedades, Chaves, com 40 e Matão, com 26.

CORREIA TRANSPORTADORA: Imprescindível para viabilizar o transporte de carvão e minérios do cais do porto para a siderúrgica e para as termelétricas em instalação no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), a correia transportadora segue com sua implantação a todo

vapor. A movimentação de trabalhadores chama a atenção de quem passa perto do canteiro de obras, próximo ao litoral. Com 12 km de extensão, o sistema de descarregamento contínuo de navios com carvão mineral tem previsão de estar em atividade no primeiro semestre de 2011. O equipamento, de R\$ 150 mi, pode levar até 2.400 toneladas/hora de insumos. O equipamento adquirido pelos investidores da térmica (MPX e EDP) e o governo estadual, irá interligar o berço interno do Píer 1 até um ponto de entrega dos minérios - carvão, coque e coque verde de petróleo - na junção da CE-422, com a faixa de passagem de infraestrutura norte, do CIPP.

Ceará tem R\$ 300 mi para montadora Chery

DIÁRIO DO NORDESTE (NEGÓCIOS – Egídio Serpa) - Nos últimos 15 dias, foi reforçada a esperança de que, finalmente, no vizinho 2010, começarão a ser construídas a refinaria da Petrobras e a Siderúrgica do Pecém, sonhos sonhados desde os anos 50 do século passado. Para a Petrobras, envolvida até o pescoço com gigantescos investimentos para a exploração da camada pré-sal, quanto mais tempo sua barriga empurrar para a frente o início dessas obras, melhor. Mas há outro sonho embalando e motivando a agenda de viagens e contatos do presidente da Adece, Antonio Balhmann: **a possibilidade de atrair para cá a fábrica de automóveis da gigante chinesa Chery**. Para isso, o Governo cearense tem uma carta na manga. Aliás, para ser mais claro, tem na caixa R\$ 300 milhões com os quais pretende entrar de sócio do empreendimento, que gerará três mil empregos diretos, o que justificaria o investimento. Mas há concorrentes, um dos quais é o empresário Eike Batista, que esteve na China com o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Batista quer que a Chery se instale na área do porto que ele constrói em Açú, no litoral fluminense. Os governos de Minas, São Paulo e Bahia querem a mesma coisa, isto é, a Chery.

Minha Casa, Minha Vida pode ter casa de aço

FOLHA DE S.PAULO (BRENO COSTA) - O programa do governo federal Minha Casa, Minha Vida pode abarcar, a partir de janeiro, a construção de "casas de aço" baseadas em estruturas produzidas por siderúrgicas, e não por empreiteiras tradicionais.

A Caixa Econômica Federal, gestora do programa, diz ter recebido ontem um projeto feito em parceria entre a siderúrgica mineira Usiminas e a Prefeitura de Volta Redonda (RJ). Segundo a Caixa, a análise de propostas não costuma demorar mais do que 15 dias. O projeto para Volta Redonda -base da CSN, uma das principais concorrentes da Usiminas- prevê a construção de 688 apartamentos para famílias com renda entre 1 e 3 salários mínimos. As unidades serão distribuídas em 43 prédios e exigirão um investimento de R\$ 32,7 milhões, representado em 814 toneladas de aço com alta resistência a corrosão. Apesar da base siderúrgica, a licitação a ser feita pelo município selecionará uma construtora civil tradicional, que usaria a "solução construtiva" desenvolvida pela companhia.

Os tijolos tradicionais entrariam como "recheio" da estrutura geral. A principal vantagem do modelo, de acordo com o diretor de Vendas da Usiminas, Ascânio Merrighi, é a redução em até 30% do tempo de entrega da obra em relação a construções tradicionais.

O modelo já é utilizado por siderúrgicas brasileiras há mais de dez anos em projetos em parceria com Estados e outras prefeituras. Só a Usiminas afirma ter participado da construção de mais de 500 prédios.

Depois de Volta Redonda, Merrighi diz que, "a qualquer momento, novos negócios podem ser fechados". Segundo ele, a Usiminas tem uma carteira de novos projetos com 2.500 unidades habitacionais previstas apenas para a região Sudeste, todas voltadas para o Minha Casa, Minha Vida.

Entre os municípios com negociações adiantadas para seguir o modelo de Volta Redonda, segundo Merrighi, estão Uberlândia (MG), Itabirito (MG) e Queimados (RJ). "O único meio de a construção civil dar uma resposta adequada ao deficit habitacional do Brasil é com a industrialização da construção", diz Ascânio Merrighi, que, sem citar nomes, afirma estar fechando parcerias com construtoras.

Siderúrgica: ArcelorMittal planeja mais cortes em países ricos

VALOR ECONÔMICO - Num sinal de que a demanda de aço não deve se recuperar fortemente em 2010, a maior siderúrgica do mundo, a ArcelorMittal, planeja eliminar cerca de 10.000 empregos, a maior parte provavelmente na Europa e nos Estados Unidos, onde o potencial de crescimento é mais limitado.

A empresa se negou a especificar números de demissão, mas pessoas a par da questão disseram que a meta é de aproximadamente 3,5% dos 287.000 empregados que a empresa tinha em 30 de setembro. Muitos dos cortes devem afetar trabalhadores que foram colocados em licença depois de uma rodada de paralisação de usinas este ano. Acredita-se que a força de trabalho seja reduzida também por meio de não reposição de vagas.

"Representantes da empresa discutiram a possibilidade de que as operações possam esperar alguma redução na força de trabalho mundial no ano que vem principalmente por causa da não reposição de vagas abertas e otimização da produção", disse Giles Read, um porta-voz da siderúrgica.

"Não queremos comentar nenhum número discutido, já que eles não são finais." Embora esteja se retraindo nos mercados desenvolvidos, a ArcelorMittal ainda está investindo e se expandindo nos mercados emergentes. Nos últimos meses, ela informou que investiu numa usina na Índia e procurou assumir operações siderúrgicas em Zimbábue. A empresa também está interessada em expandir-se mais no Brasil, onde pode ficar próxima de seu suprimento de minério de ferro. A ArcelorMittal informou que pretende aumentar sua produção de aço até o fim do ano para atingir 70% de utilização da capacidade no quarto trimestre, em comparação com 61% no terceiro trimestre.

Ela afirmou, contudo, que a taxa de utilização deve permanecer em torno de 70% até 2013, e que não espera um retorno aos altos níveis de preço de 2007 pelos próximos dez anos.

Vale prevê aumento de preços em 2010

VALOR ECONÔMICO - O presidente da Vale, Roger Agnelli, vê tendência de alta nos preços do minério de ferro para o ano que vem, mas não fez projeções sobre o quanto as mineradoras poderiam conseguir de reajuste. Agnelli ressaltou que a demanda da China, que compra mais da metade do minério de ferro vendido no mercado transoceânico global, continua forte, mas garantiu que as negociações para o reajuste anual ainda não começaram.

"Acho que é positivo (o cenário). Acho que existe uma tendência de alta (dos preços do minério), mas o quanto eu não sei", disse Agnelli, ao participar da cerimônia de premiação do diretor financeiro da Vale, Fábio Barbosa, escolhido o executivo do ano pelo Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef-Rio). "Acho que a China continua comprando mais e tem interesse de que aumentemos a produção. Isso (a negociação) vai vir no momento certo. Os contratos vão até abril e, com paciência, a gente vai tocando", acrescentou.

Agnelli previu que 2010 será positivo para o setor, destacou a recuperação da economia global e afirmou que "o pior da crise já passou". Para ele, uma "grande questão" é o comportamento do dólar, cuja queda provoca aumento dos custos de produção, o que tem sido compensado pela recuperação dos preços das commodities metálicas após o tombo causado pela crise financeira global.

A Vale não pretende recuar na negociação com os trabalhadores das operações de níquel de Sudbury e Voisey's Bay, no Canadá. Agnelli afirmou que a empresa está aberta às negociações, mas não vai abrir mão das questões relativas ao plano de previdência e à participação dos trabalhadores nos lucros e resultados da companhia. Os trabalhadores de Sudbury cruzaram os braços em 13 de julho, sendo seguidos duas semanas depois pelos funcionários de Voisey's Bay.

A Vale propõe para os trabalhadores em Sudbury e Voisey's Bay o fim do benefício definido no plano de previdência, com a substituição para o sistema de contribuição definida, válido para os demais funcionários da mineradora no mundo. Atualmente, os funcionários canadenses seguem o sistema de benefício definido, no qual já está fechado o valor que será recebido por cada aposentado. Além disso, a Vale quer que os funcionários canadenses recebam a participação nos resultados de acordo com os lucros obtidos na empresa, ao contrário do sistema atualmente vigente na região, no qual essa remuneração é baseada nos preços na London Metal Exchange (LME).

Mineração: Companhia sul-africana enfrenta questões ambientais e de compra de terras para a mina de ferro

Anglo American tem grandes desafios em projetos no Brasil

VALOR ECONÔMICO - O Brasil pode se transformar no maior produtor de minério de ferro na carteira de negócios da sul-africana Anglo American. A estratégia da multinacional é produzir 150 milhões de toneladas anuais da matéria-prima em 2016, das quais entre 80 a 90 milhões de toneladas em minas brasileiras. O salto na produção pode garantir à Anglo participação de 11% no mercado transoceânico de minério de ferro ante apenas 3% hoje. "Nós vemos o Brasil com uma posição ainda maior no nosso portfólio no futuro", disse ao **Valor** a americana Cynthia Carroll, presidente-executiva da companhia.

A executiva está no Brasil para uma visita de dois dias, quando irá a Belo Horizonte (MG) encontrar-se com a equipe envolvida com o projeto de ferro - que enfrenta alguns desafios importantes para sua concretização na área ambiental e de infraestrutura. Irá também a São Paulo, onde se reunirá com a equipe do segundo maior investimento no país, uma mina e fundição de níquel, em implantação no norte de Goiás.

A empresa tem programados investimentos de US\$ 5,4 bilhões no país até 2012 em dois grandes projetos - Barro Alto, de níquel, de US\$ 1,8 bilhão, e o de minério de ferro Minas-Rio, em Minas Gerais, o maior investimento do grupo no mundo, de US\$ 3,6 bilhões. Trata-se de um projeto integrado de mina, planta de beneficiamento, mineroduto e porto. O primeiro embarque de minério de ferro está previsto, no novo cronograma do empreendimento, para junho de 2012. Inicialmente, era 2010.

"O minério de ferro vem ganhando importância para nós e tomamos a decisão deliberada de aumentar nossa posição em relação ao produto porque achamos que os prospectos são muito positivos para o futuro. O minério de ferro é a commodity que estava faltando em nosso portfólio", afirmou Cynthia. A executiva considera razoáveis projeções de analistas da área de mineração que apontam alta de 6% a 10% no preço em 2010. Ela avalia que a perspectiva do mercado é positiva para o próximo ano e avalia que as condições, considerando-se a demanda da China, são ainda melhores no médio prazo.

Até 2007, os negócios da Anglo estavam mais focados em cobre, ouro, diamantes, carvão e platina. O níquel não era uma atividade tão grande, mas começou a ganhar projeção quando a empresa decidiu investir no projeto Barro Alto. Em minério de ferro, a Anglo só tinha a mina de Kumba, na África do Sul, que produz atualmente 37 milhões de toneladas por ano e está sendo expandida. Essa mina deve contribuir para que a Anglo atinja a meta traçada de 150 milhões de toneladas em seis anos.

Em 2007, a Anglo comprou do grupo EBX, de Eike Batista, os ativos da Minas-Rio por US\$ 5,5 bilhões. "Penso que o prospecto para este projeto é grande e fantástico. Acho que temos um futuro muito bom e vamos ficar muito satisfeitos quando olharmos para trás e virmos uma demanda forte e um custo baixo em um projeto em que controlamos toda logística", aposta Cynthia.

O grupo sul-africano iniciou uma diversificação de portfólio há cinco anos. Saiu de alguns negócios como ouro e diamantes e decidiu concentrar em outros como minério de ferro e metais não ferrosos, como cobre e níquel. Também manteve o interesse pelo carvão metalúrgico e térmico. Hoje a Anglo está estruturada em sete unidades de negócios. Três delas estão na África do Sul (carvão térmico, minério de ferro e platina), duas no Brasil (minério de ferro e níquel), uma no Chile (cobre) e uma na Austrália (carvão metalúrgico). Em outubro, anunciou uma reestruturação para cortar custos.

Cynthia avaliou que a Anglo saiu mais forte da crise financeira que atingiu o mundo em 2008. "Tivemos uma performance excelente neste ano." O preço da ação da companhia, que caiu para 9,6 libras esterlinas, recuperou-se e há duas semanas atingiu a cotação de 27,12 libras. Mesmo assim, segundo analistas, o grupo enfrentou dificuldades financeiras.

Segundo a executiva, a empresa vem buscando se superar. "Temos trabalhado no desenvolvimento de uma estratégia muito clara, focada em commodities que achamos poder alavancar. Estamos vendendo alguns negócios que não têm o mesmo nível de atração, retorno e escala dada a nossa

base de ativos", disse Cynthia. A Anglo vai sair da atividade de zinco e de alguns negócios no Brasil. Já pôs à venda o de fosfato (Copebrás) e o de nióbio, em Catalão (GO). "A Copebrás não é muito grande, é o nosso único projeto de fosfato no mundo. Então seria melhor alguém que tivesse economia de escala em fosfato e o nióbio que é muito pequeno para nós".

Nos dois grandes negócios no país, os projetos estão avançando, mesmo com algumas dificuldades, em especial o Minas-Rio. Foi definido um novo cronograma para a entrada em operação desse projeto, depois de atrasos causados por dificuldades na obtenção de licenças ambientais e na desapropriação das terras ao longo dos 525 km do mineroduto, que começa em Conceição de Mato Dentro (MG) e termina em São João da Barra (RJ), onde está o porto do Açú. "Com relação ao Minas-Rio, eu não descreveria nossa situação como problemática. Diria que temos desafios". Cynthia reconhece, porém, que o projeto é complexo pelo fato de envolver mina, transporte e terminal portuário. "Estamos lidando com muitas pessoas proprietárias de terra". São cerca de 1.200 donos de áreas onde passará o mineroduto. Desses, já houve acordo com 70%.

Nos casos sem acordo, a desapropriação deve ocorrer por meio de decretos dos Estados que abrigam 32 municípios cortados pelo mineroduto. Segundo Stephan Weber, presidente da Anglo Ferrous Brazil, o braço de minério de ferro, o plano da empresa é conseguir ainda este mês as desapropriações que faltam no Estado do Rio. E para 2010, Weber espera obter as demais autorizações para passagem do mineroduto tanto em Minas, quanto no trecho que faz a divisa do Estado com os municípios fluminenses.

Na parte ambiental, Weber adiantou que a empresa já obteve licenças de instalação para o mineroduto e para o porto. "Ainda falta conseguir as licenças de instalação da mina e da usina de beneficiamento, que esperamos ter em 2010", afirmou. Ele informou que os recursos identificados da mina somam hoje 4,6 bilhões de toneladas de minério de ferro. O produto, com 42%, após o beneficiamento, alcançará teor de ferro de 68%.

A operação da mina vai requerer também grandes volumes de água, problema que Weber já garante ter equacionado por meio de captação de um rio próximo às minas da Serra do Sapo. "Temos já a outorga da água."

Com foco em minério de ferro e níquel, grupo decide vender fosfato e nióbio

VALOR ECONÔMICO - A Anglo American tem um longo caminho a percorrer para atingir a meta de produzir 150 milhões de toneladas de minério de ferro em 2016 no mundo. O maior investimento nesse negócio, o projeto Minas-Rio, está no Brasil, onde serão aplicados US\$ 3,6 bilhões. O projeto está desenhado para fazer 26,5 milhões de toneladas ao ano.

Stephan Weber, presidente da Anglo Ferrous Brazil, não descarta novas aquisições de minas no país para expandir a produção de minério de ferro, que incluem o projeto do Amapá. Este será o único a produzir ferro no país dentro do grupo este ano. Serão 2,9 milhões de toneladas, volume que, em 2010, pode aumentar para 3,8 milhões de toneladas. A capacidade de produção do sistema Amapá da Anglo, adquirido de Eike Batista, é de 6,5 milhões de toneladas/ano.

Há 30 anos no Brasil, o grupo sul-africano começou investindo no projeto Codemin, de níquel, em Niquelândia, no interior de Goiás, com produção de 9 mil toneladas em 2008. Também montou negócios de nióbio - Mineração Catalão, também em Goiás, que faz 4,95 mil toneladas do metal.

A Anglo Américan também investiu na área de fosfato. Adquiriu a Copebrás, com unidades de produtos fosfatados em Catalão e Ouvidor (GO) e Cubatão (SP). O faturamento da empresa, posta recentemente à venda, somou R\$ 1,1 bilhão em 2008. Também o negócio de nióbio está à venda. A estratégia agora é investir em minério e níquel. Uma nova planta de beneficiamento de níquel está sendo instalada pela Anglo em Barro Alto, no norte goiano. A expectativa de produção é de 36 mil toneladas de níquel por ano por um período de 26 anos com uma geração de 5 mil empregos na fase de construção e cerca de 680 na operação.